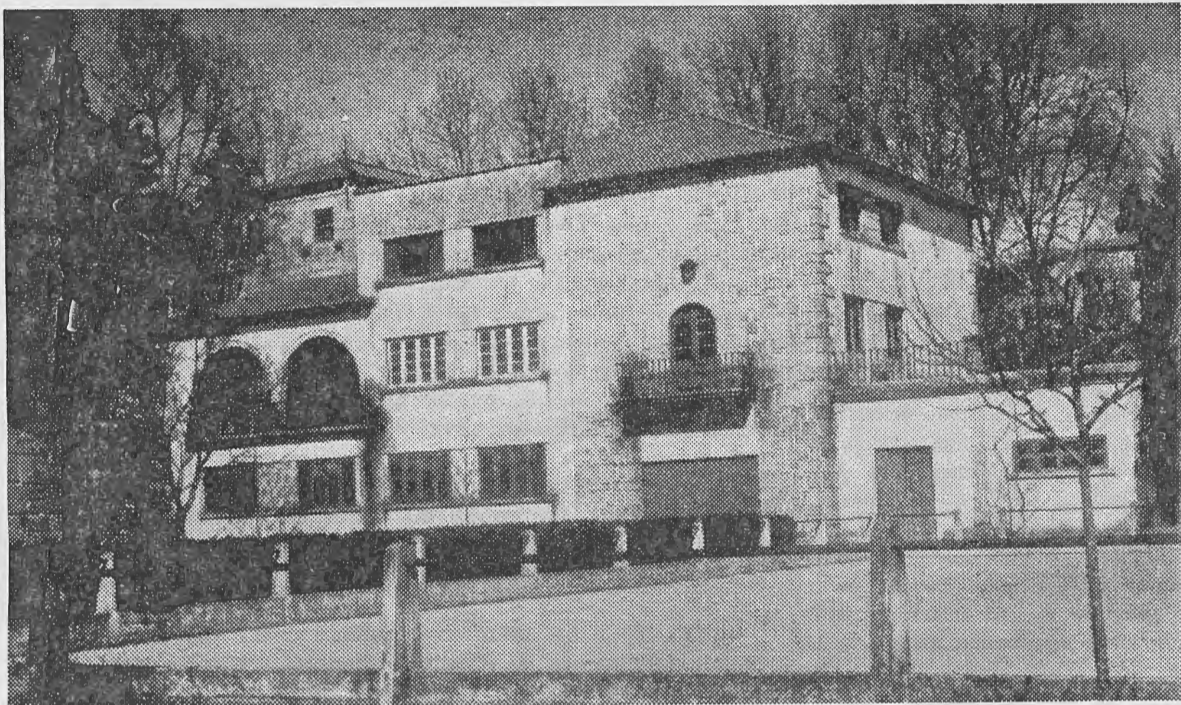




# Gaiato

23 DE JANEIRO DE 1971  
ANO XXVII — N.º 701 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Um dos edificios da nossa Aldeia — em Paço de Sousa. Em cima, é a lavandaria. No 1.º andar, salão de recreio. Em baixo, a adega, este ano repleta — graças a Deus.

## PRESENÇA da IGREJA

Não fôra a demasiada extensão para um jornal tão pequenino como o nosso — e não resistiríamos a dar na íntegra a homilia do Sr. Bispo do Porto no dia 1 de Janeiro, que lemos sob este título, que, só por si, é um convite profundo e acerado:

«ACEITAR O PREÇO DA PAZ».

Mas sentimos irrecusável publicar alguns excertos (que procurámos formossem um conjunto razoavelmente uno) nesta coluna onde tão raramente surge oportunidade de uma voz portuguesa.

«FEZ-SE ouvir a palavra do Papa, nesta Mensagem para o ano de 1971, como indefessamente se tem feito ouvir em tantas outras ocasiões e lugares, desde o Vaticano até aos antípodas, desde a cidade de Jerusalém — «visão de paz» — até ao areópago das Nações em Nova Iorque: — Basta de guerras; não mais a guerra; paz a vós; paz ao mundo».

A voz do Papa Paulo VI é a voz da Igreja, tem de ser a voz da Igreja e de todos os cristãos, porque é a própria Boa-Nova do Reino, o Evangelho de Jesus, que começa pelo anúncio angélico, anúncio de integração divino-histó-

Cont. na QUARTA página

que não só favorecem aquele egoísmo como o desinteresse pelo bem comum. Ao fim e ao cabo tal conduta reflecte a inexistência duma educação adequada, no seio da família e nas escolas em suma, nas estruturas de vida das sociedades. Por isso, pais e educadores, a família e a escola nos seus diferentes graus, devem, como os mais variados condutores dos pequenos ou grandes agrupamentos humanos, desenvolver o sentido do social no espírito dos jovens, levando-os a viver como seus os problemas e dificuldades dos outros. Deste modo, de acordo com a chamada psicologia «renovada», segundo a qual «as crianças de hoje devem ser preparadas com vista ao futuro que lhes pertencerá», estaremos todos a contribuir para um futuro melhor, levando a «substituir a angústia da independência pela alegria do trabalho colectivo», como se afirmou no primeiro Encontro Nacional de Educadores de Infância. E um Mundo melhor, em que todos sejam mais felizes e irmãos uns dos outros, é uma exigência da própria natureza humana e vontade do próprio Deus.

Agu Lisboa

Por PADRE LUIS

## LOURENÇO MARQUES

Este Natal dinamizou muitas vontades ao nosso encontro. Para além de várias pessoas isoladas ou em família, tivemos vários grupos organizados a confraternizar connosco numa demonstração de que a caridade é muito mais o comungar na nossa vida, ouvir os nossos êxitos e derrotas e dar-nos a conhecer também um pouco dos seus problemas.

O primeiro grupo que nos visitou foi «The Methodist Church of S. A.» com o seu Pastor. Depois, uma equipa de Casais de Nossa Senhora e um grupo de Cursistas; as escuteiras da Capela Militar e um grupo de Vicentinos da Catedral.

Estas visitas, se por um lado reflectem na nossa vida valores psicológicos que nos enriquecem, não deixam, por outro,

em menos brilho, um amadurecimento eclesial, uma caridade em pleno sentido, que é a comunhão de bens espirituais e materiais entre irmãos, sem artificiosismos, sem pieguices, mas com amizade verdadeira, fonte perene de alegria tanto no dar como no receber.

A ligação aos membros da Igreja Metodista já vem de há anos, proveniente não de proselitismo, mas fruto duma riqueza espiritual actuante que os traz até nós numa realização palpável de pre-

ceito unitivo do amor, o mais universal e sublime para todos os filhos de Deus.

As escuteiras apareceram manhã cedo, com almoço para todos nós, e só debandaram à noite depois do «abraço do adeus». Também não é a primeira vez, nem lhes serão fáceis estas visitas. Mas quão benéfica para os nossos! Trouxeram-nos da sua alegria de viver, iluminada pelo ideal escuta. Trouxeram-nos as suas brincadeiras, as suas canções, a sua simplicidade e graça femininas.

Os rapazes e raparigas universitários deram-nos um testemunho de profunda amizade, irmanando-se com os nossos,

SEGUE NA SEGUNDA PAGINA

# PELAS CASAS DO GAIATO

## BENGUELA

O «Passarinho» está entre nós. Chegou sem sabermos. Quando entrávamos na camarata dos mais velhos deparámos com uma mala sobre a cama, exclamando alguém: «cheira-me a tropa». Procurámos localizá-lo. Fácil foi encontrá-lo. Logo surgiram abraços por todos os lados. Contentamento mútuo. O «Passarinho» já há muito que se encontrava embrenhado nas matas do Norte e nas chanas do Leste, em missão de soberania. Quantas vezes pensou em nós com saudade, quantas vezes pensámos nele com saudade! Quantas vezes através da oração pedimos ao Senhor que o protegesse dos perigos de ordem moral e de ordem física.

Leitor, quem dera que pudesses apreciar aquele espectáculo, fixar na tua retina a imagem daqueles abraços e depois me dissesse como foi afectada a tua sensibilidade. Garotos da rua, outrora sem eira nem beira, hoje, incorporados numa Família tão numerosa e tão geograficamente dispersa. Uma Família de peles diferentes, de gran-

des divergências de meios, sem laços de sangue a uni-los. Apenas o amor, a concórdia são seus laços de união. Um impossível tornado possível. Explicar não sei, só sei que o autor desta obra-prima conseguiu operar este singelo milagre no seio da Humanidade, numa altura onde tudo parece envenenado pela droga e corrompido pela guerra especulativa.

**Vésperas do Natal** — Os afazeres são muitos. Uns encontram-se ocupados com a ornamentação do refeitório, outros com a armação do presépio, outros com a limpeza da Capela, outros com os manjares — todo o mundo Gaiato trabalha para o mesmo fim — a realização de um Natal na verdadeira acepção da palavra. Quando a noite entra, tudo está pronto, o refeitório todo pimpão mostra a sua graça com todos os seus enfeites. Sobre as mesas abundam os mais variados manjares próprios desta quadra, permitindo à malta uma boa ceia e uma galhofa até mais não.

**Natal festa da Família** — Nesta quadra lembramos com saudade todos os ausentes, a maioria no préstimo do serviço militar, que não esqueceram a casa familiar, endereçando as cordiais boas-festas. Obrigado irmãos. Lembra-mos também todos aqueles que no Ultramar e na Metrópole servem a Obra da Rua, muito em especial o nosso P.e Carlos que ainda não teve oportunidade de passar um Natal no seio da nossa comunidade, talvez pró ano o nosso desejo há-de

encontrar concretização. Lembra-mos também a tua pessoa leitor, e pedimos ao Deus Menino na Missa do Galo que rogue ao Pai permissão para nós festejarmos muitos e muitos aniversários Seus.

Faria Magro

## Paço de Sousa

**Ano Novo** — Alguns dos nossos rapazes costumam ir passar o Ano Novo à sua terra. E, para não quebrar a tradição, foram todos os que têm familiares, e casa — mas que durante o ano deram provas de merecerem o prémio.

**Obras** — Depois de acabados os sanitários das escolas começaram a erguer outros para serviço permanente, ao lado do edifício. Uma obra oportuníssima para a comunidade e para os visitantes.

**Piscina** — A sua construção vai andando devagarinho. Temos esperanças de nos deliciarmos na sua água, já no próximo verão.

**Votos da quadra Festiva** — Esperamos que todos os leitores tenham gozado bem e, ao mesmo tempo, feito uma entrada com o pé direito neste novo ano que principiou. São os nossos votos.

Manuel dos Santos

# Malanje

Chocou-me o parque infantil dum bairro de Luanda, onde cada casa tem o seu parque, a sua verdura, as suas flores... E está bem. Flores, jardins e leite. Cristo quer assim. Mas quer-o para todos. Nos muceques, também flores, baloiços e canteiros de relva.

Com os brinquedos que se estragam e os alimentos que se enfastiam — uma bica de leite a correr... Não só no Natal. Em todo o ano. Deus criou os dias todos. E deu-nos precisamente a nós, riquezas imensas, que nós não fomos ainda capazes de transformar em leite e pão.

Houve, neste Natal, muitos presépios bonitos, muitas luzes, bolos, brinquedos e flores.

Mais uma vez Cristo silencioso, esperou nos muceques a nossa ida, o nosso acordar.

x x x

O nosso Natal foi bom. Os mais pequenos deliraram com os brinquedos, que duas ou três famílias, diminuindo a seus filhos, lhes ofereceram a eles.

Esforçamo-nos por meditar um pouco na lição de simplicidade que o presépio nos apresentou.

Segredei ao Menino Jesus que bolos demais, não; que antes umas notinhas para pagarmos o que devemos. Ele segredou ao ouvido dos nossos amigos e eles vieram, amorosamente, depositar em minhas mãos — tudo somado — setenta mil escudos. Foi um bom presente de Natal! Grande Malanje!

Resta-nos dizer agora ao Senhor para ajudar todos os amigos que vieram até nós. Também, os que — em roupas, géneros e brinquedos.

x x x

O nosso Sr. José Ventura foi uma graça que nos caiu. É ele que trata da horta e das galinhas. Nunca mais faltaram os ovos, a fruta e a hortaliça. Ao meio dia, de todos os dias, é vê-lo com a lata das bananas — para a sobremesa. Só ele tem a chave delas, dos ovos e da horta. Há dias saiu-se com um fenómeno: «uma galinha com trinta e cinco filhinhos!» E é. Fui vê-la, toda ufana, com a sua ninhada em plena liberdade. Uns filhinhos dela; outros, adoptados.

Padre Telmo

## Lourenço Marques

VEM DA PRIMEIRA PÁGINA

deixando colegas e solicitações para um dia de praia ou divertimentos.

Outro facto que enriqueceu o Natal foi a electricidade. Não estava quando foi ligada, mas soube que o entusiasmo dos rapazes foi tanto que até emocionou o Sr. Eng. que veio autorizar a ligação. Eu andava tão cansado do problema que nessa noite nem me veio o sono. Foi o maior presente de Natal. Bem hajam quantos concorreram.

Sempre se ouviu dizer que não há bela sem senão. Pois aconteceu.

O nosso Tónio Augusto, deixou-nos dois dias antes do Natal. Ele anda desorientado por alguém que não conseguimos ainda localizar e por isso o Tribunal de Menores tomou o assunto à sua responsabilidade. Temo-lo procurado em vão. Ele tem dezasseis anos inquietos e cegos e muitos dons que Deus lhe deu e está a desperdiçar. Foi uma mágoa sempre presente e lembrada nos momentos de convívio. Esperamos todos a sua volta como um pai a do filho pródigo. Estas coisas são o sal da nossa vida, como disse o Pai Américo, mas sal bem amargo!

Padre José Maria

Temos em mãos um bloco enorme de facturas para pagar. É fim do ano e gostávamos de contas arrumadas, mas... paciência.

Terminámos uma casa de habitação para um dos nossos casais e logo nos lançámos à ampliação das instalações e começámos pela construção das pocilgas. Estes dias temos visto paredes a crescer e um mundo de gente a mexer. Aproveitámos os braços dos nossos estudantes e só lhes podemos dar um dia livre. Foram férias úteis e sãs. Somos uma família que procura comer o pão com suor do rosto.

Registámos na alma todos aqueles que vieram até nós, sobretudo nesta quadra festiva e carinhosa. Há presenças que nos abismam pela renúncia e pela simplicidade. É necessário amar para se dar assim: — Quinhentos que Senhora levou ao Lar e outra levou cem; cinquenta de promessa e 283 da Conferência Vicentina de S. Martinho. Os pobres sabem repartir com os pobres. Os mimos da Fábrica Triunfo; cinquenta de promessa; cem a um vendedor; 567\$50 do Sabão Azul e mais 70 das meninas do mesmo. Todos os anos aparecem.

Quinhentos dum sacerdote que estende a mão quando pode; sessenta de promessa ao vendedor de Leiria; cinquenta ao vendedor da Covilhã; vinte ao do Fundão; cinquenta de Lisboa a lembrar a amizade da

## TRIBUNA de Coimbra

mãe; quinhentos das sempre Amiguitas; 20 mais 20 mais 20 em Santa Cruz; vinte na loja; cinquenta na estrada; 60 mais 20 mais 20 numa reunião; cinquenta várias vezes do Luso; materiais das Fábricas de Curtumes; quinhentos num casamento.

Fui chamado por pessoa amiga à repartição. Alguém me queria falar. Era uma Senhora nova a entregar-me o primeiro aumento do ordenado. Alegria no rosto e lágrimas nos olhos. É viúva e tem duas filhinhas. As mãos tremeram-me quando aceitei. Despedi-me religiosamente, pois Deus não podia estar ausente d'este acto.

Telefonaram-me de S. Bartolomeu e um dos vendedores foi buscar um embrulho de roupas novas e dentro uma carta com nove contos, sem qualquer palavra. Quem é capaz de merecer este tesouro escondido no coração de quem deu?

Roupas e vinte e mimos de Tomar; e um Senhor de Pombal que veio trazer muitos casacos e agasalhos, tudo novo, e já tem vindo mais vezes;

livros da Bertrand; calçado novo da sapataria vizinha; mil da Senhora que nos chama muitas vezes; 20 dólares de amiga de infância; vinte pelas aflições da filha e alma do marido; duzentos dum dos nossos; mimos de Natal doutro; 200 doutro; cem doutro; 200 doutro; rebuçados doutro; quinhentos doutro; cem doutro. Quantas são as famílias que os filhos lembram assim?

Cem a um vendedor; uns mimos do armazém donde gastamos mercearia; a presença sempre amiga do Amigo de todos os anos; duzentos em vale; senhas de mercearia; duas camisolas e dois almoços no seu hotel; trezentos da Senhora que chama sempre; muitas lembranças, fruto do trabalho de viúva de 69 anos. Quem pode dizer que os anos nos fazem velhos? Eis uma prova de juventude.

Fogão eléctrico e revistas da Avó Amélia e vinte de quem veio entregar; cem de visinho do Lar; 1.210 levados ao Lar por pessoa humilde. Fiquei convencido que seria o ordenado inteirinho; mil para o bolo-rei;

180 para o nosso Natal; 215 e 3 cobertores do Liceu D. Duarte. É sempre em festa que recebemos prendas de grupos jovens.

Vinte a vendedor; cem de Presidente da Câmara; quinhentos do 2.º prémio do totobola; cem de Grândola; cinquenta a vendedor, por alma do marido; 550 a vendedor; dois mil na Missa de Natal; cem da S. N. de Sabões; 500 do G. S. de arroz; cem em carta da F. da Foz; 250 de C. de Pera; mil que visinho nos mandou do Brasil; 150 de C. Lousada; mil de Senhora para bolo-rei; cem de Pároco de Coimbra; cinquenta por alma dos pais; 250 da Auto-Industrial; cem de casal de S. José; quinhentos de Senhora amiga; 150 de visinhos visitantes; visitantes de Tomar com muitos mimos e 200; 500 e a visita familiar do Engenheiro muito nosso; cem de visitante.

Cem, bolo-rei e a visita de casal novo a cuja união assistimos em Malanje. Como saboreei esta visita tão simpática! Cincoenta em carta; bolos-rei e 500 de amigo da 1.ª hora; 1.705 no aniversário de bom amigo. Que Deus o tenha em paz. Cincoenta no cemitério; muitos embrulhos com roupas novas e usadas e fatos e calçado e brinquedos; o serhor dos cobertores com 27 deles.

Se o Natal fosse doze vezes no ano, andaríamos nós menos aflitos.

Padre Horácio



Esta quinzena foi uma fartada — graças a Deus! Terminado o período das Festas de Natal e Ano Novo, os nossos amigos arregaçaram as mangas como prevíamos em o número anterior.

Ficamos, agora, em 2.083 novos leitores — no prazo de um ano! Bem bom. Mas não paramos. Ainda que a gente se cale um pouco mais — por mor do espaço do **Famoso** — e bote faladura só lá de mês a mês ou de dois em dois meses, Isso não vai, com certeza, arrefecer a **mística** dos vanguardistas desta coluna. Pois nós precisamos de levar o **Famoso** a todo

# CAMPANHA DE ASSINATURAS

o lado. Mesmo onde muito boa gente supõe ser difícil penetrar. É onde ele fura mais fácil! E ocasiona maiores estragos. Abençoados estragos! Tem sido assim desde Março de 1944. E continuará, se Deus quiser. Está nas vossas mãos. No vosso amor. No vosso interesse. Vós é que sois os arautos. E a Cam-

panha. O GAIATO irá aonde quiserdes. Sois os guias da caminhada.

## ● «SERVIR UM PATRÃO QUE NÃO MORRE...»

Das bandas de S. Tirso recebemos uma carta muito simpática. Diz assim:

«...Tenho procurado angariar assinantes, mas apenas consegui um. Quem me dera que muitos mais quisessem ser assinantes, pois quem serve o seu irmão mais necessitado é o mesmo que servir a Deus...»

É Lei cristã. Afinal, não é preciso grande teologia para chegar às Alturas (Estamos numa época de intelectualismo — necessário também...). Pai Américo, o **Famoso**, como naquele tempo, segue o mais banal e trivial. E a torrente não pára! Quem serve o seu irmão mais necessitado é o mesmo que servir a Deus. Eis a voz e acção concreta dum cristão de Santo Tirso.

## ● UMA LEGENDA ENTRE MUITAS

Uma carta de algures, em poucas palavras diz muito, muito!:

«Agradecia que enviassem o jornal O GAIATO para... de Boliqueime. Podem mandar sem receio, é pessoa de confiança. Juntamente 100\$00 para o que entenderdes.»

Assina — «Uma admiradora da vossa Obra, que Deus os continue a abençoar.»

Partimos de Moçambique com a convicção de que mal estamos a despertar. A imensidão da terra, ansiosa de dar pão, pede braços e amor para a descobrir e trabalhar. A multidão dos filhos da mesma terra, que passivamente aceitam o próprio desinteresse, é um estímulo para quantos se pregam civilizados e civilizadores. Partimos inquietos e feridos. Do ar avista-se um panorama de deserto.

Era noite alta quando o avião aterrou em Luanda. Orlando (ex-Faisca) estava à nossa espera e levou-nos à Casa dos Rapazes, que mais uma vez nos abriu carinhosamente as portas. Encontrámos Padre Freitas magoado por muitas atitudes. Atitudes de fora e atitudes de dentro. Há pessoas, que pelo facto de prestarem um pequenino auxílio, se arrogam o direito de interferir na vida íntima da casa: julgam-se donos. Os rapazes são os mesmos em toda a parte. Sempre inquietos. Por vezes exigentes com os outros e desleixados consigo próprios. Na idade em que a casa lhes é mais precisa, fazem tudo para a abandonar. A nossa vida é assim. Sangramos todos os dias. Alentámos Padre Freitas a dar-se cada vez mais.

São legendas que estremecem! D'almas delicadas. Que lêem o **Famoso** todos os quinze dias. E não sossegam, sem partilhar outros e outros do seu quinhão!

## ● PORTO E LISBOA

Aqueles ais do número transacto atacam lisboetas e tripeiros! Mais estes do que aqueles. Na minha frente passa uma série de caras novas. E não de vir ainda mais. Assim todos se disponham a fazer do **Famoso prato do dia**, na rua, no eléctrico, no autocarro, no café, no cinema, no trabalho — em reunião d'amigos. Sim; atendendo à naturalíssima dispersão da vida dos homens, da nossa vida, neste fim de século (aliás foi sempre assim...) é preciso martelar. Não é verdade?

## ● DE NORTE A SUL DO PAÍS

Hoje é uma procissão de categoria! Fora o que já assinámos, temos na frente uma lista (que supomos de Aveiro) com 16 novos leitores de Oliveirinha (Coa do Valado), Vilarinho (Cacia), Póvoa do Valado, e S. Bernardo. Ficámos satisfeitos com esta série. Pois desejamos que a multidão de amigos nossos, do distrito d'Aveiro, comunique connosco quinzenalmente. E são tantos! E quão poucos ainda os que recebem o **Famoso** — desde o primeiro número!!

Segue mais Queluz, Cacém, Tondela, Bragança, (Anda por lá muito fogo — apesar deste

frio glacial!...), Esposende, Gaiato, Póvoa de Varzim, Alcanede, Lordelo (Douro).

## ● ULTRAMAR

E a gente admirada com o silêncio dos angolanos! Hoje uma farturinha de presença. Não vão zangar-se connosco com certeza. A pergunta insista em o número transacto, a pergunta, foi motivada pelo meu interesse de ver por cá muitos e muitos angolanos.

Ora bem. Da nossa Casa de Benguela recebemos uma presente **procissão**: 'reze novos leitores de Luanda, mais uma série de Carmona, Henrique Carvalho e Matala. Parabéns!

Da costa oriental, o nosso Padre José Maria resolveu e muito bem — lançar as redes na vizinha África do Sul. E tem sido uma farta pesca de novos leitores! Temos gente nova de Joanesburgo, Benoni, Marburg, Germinston, etc. etc., ainda da nossa formosa Luanda, renço Marques. Mas ainda na capital de Moçambique muita gente que poderia decidir pela leitura do **Famoso** — para conhecer mais e melhor a nossa Casa do Infulene. Porém ainda nem todos quantos recebem se deram ao trabalho, fácil, de lançar as redes. Que seja agora. Mais vale tarde que nunca.

Finalmente, uma presença na Praia da Vitória — Terceira. Ficámos em pleno Atlântico. E preparados para dar no em próxima edição, de um maior **fogueira** entre a nossa rosa pleiade de amigos louros e gomarquinos. Pode ser?

Júlio Mendes

Visado pela Comissão de Censura

## Cantinho dos que ficamos

Que apropriada me soube a palavra de Isaias, que a Missa de hoje nos deu!

«O Meu servo, a quem Eu protejo, o Meu eleito, enlevo da Minha alma (...vai proclamar fielmente a Justiça, sem desanimar nem se deixar vencer, até que estabeleça a Justiça sobre a Terra...»

O Servo de Deus veio. «Foi-lhe dado o nome de Jesus — que significa salvação». «Passou fazendo o Bem». Mas não estabeleceu em acto, perfeita, definitivamente, a Justiça. Abriu o caminho da Justiça. E chamou outros «num propósito de salvação».

Como o Pai Lhe fizera, «toma-os pela mão, forma-os, faz deles a aliança do povo e a luz das nações».

Faz deles... — quem?

«De canas já fendidas, que não quebrou», faz cetros da Justiça «para tirar da prisão os cativos», bordões para os caminhos da Paz. «De torcidas fumegantes, que não apagou», faz luz «para abrir os olhos aos cegos, para libertar os que habitam nas trevas».

— Mas quem..., as canas já fendidas, as torcidas fumegantes, passíveis de tal transfiguração?

«Na verdade, reconheço — disse Pedro — que Deus não olha à qualidade das pessoas. Em qualquer nação, quem O teme e pratica a Justiça é aceite por Ele.»

x x x

Qual de nós, se pudesse, não quereria realizar completa, definitivamente, a Justiça?

Pois Jesus pode — e não quis. «Insondáveis são os desígnios de Deus; imprescrutáveis os Seus caminhos!»

Há porém, uma pista que nos guia para a inteligência do mistério: o amor imensurável, e também ele-mesmo misterioso, que Deus tem pelo Homem.

Somos incapazes de o medir e de lhe entender o fundamento, mas a realidade desse amor é uma evidência revela-

da e experimentada por cada homem na proporção da sua boa-vontade: isto é, da aceitação oferecida ao amor que Deus lhe oferece.

Apenas o amor de Deus pelo Homem, pode explicar que, em Seu plano salvífico, a missão não devesse ser consumada pelo Seu Filho muito amado, mas só por Ele aberta e destinada à prossecução pelos homens de todas as gerações que, com Ele e n'Ele, não de completar o que falta à Redenção de Cristo. Se esta palavra não fosse revelada, quem poderia preferi-la sem blasfémia?

Enquanto durar o tempo, durará, pois, a Redenção. Depois de nós, o mundo não ficará ainda justo. Mas aí de nós, se não ficar mais justo!

E como cumprirmos a nossa parte na Redenção, sem entrarmos pela «porta estreita» e seguirmos, por sobre as tentações de grandeza, o caminho sempre estreito da Humildade? Haverá o discípulo de ser mais que o Mestre?!

O sentido da vida dos a quem Deus chamou, num propósito de salvação, é, e será sempre, e somente:

«Proclamar fielmente a Justiça sem desanimar nem se deixar vencer, até que se estabeleça a Justiça sobre a Terra.»

A esta luz — que é o desânimo senão já infidelidade?; deixar cair os braços, senão pusilanimidade?; ambicionar ver consumada a Justiça sobre a Terra, senão utópico capricho?

A verdade de cada homem consiste na presença vital de Cristo em si. Se o Senhor, escondido em nós, nos voltar do avesso e Se mostrar, apesar de nós — eis uma forma autêntica de O proclamarmos, de continuarmos até ao fim a proclamação da Justiça a que o Pai O enviou... sem necessidade de «bradar, nem erguer a voz, nem de nos fazermos ouvir nas ruas».

Então o Pai como que confundirá os filhos com o Filho — e, por amor d'Ele, também a estes dirá a palavra de salvação: «em vós pus o Meu enlevo».

# ÁFRICA

Dia seguinte, à tarde, tomámos rumo a Benguela. A cidade de Luanda estende os braços ao longe e cresce a olhos vistos. Sobrevoámos terrenos demarcados e avistámos imensos poços de petróleo a arder. Que imensidade de riqueza! Entrámos na orla marítima e reentrámos na encantadora Restinga do Lobito, para logo poisarmos nos morros secos de Benguela. A vastidão da cana de açúcar da Cassequel e os longos bananais do Cavaço não se descrevem com palavras. São um espectáculo de maravilha. Canteiros e canteiros de plantas alinhadas e árvores fruteiras dão-nos a sensação de sonho. Vale a pena contemplar com os próprios olhos.

Permaneci na nossa Casa do Gaiato de Benguela quase uma semana, para que Padre Manuel António pudesse descansar um pouco. Conheci aquela Casa há oito anos e tornei a visitá-la há três e meio. Tem razão os habitantes daquela região que chamam à nossa quinta Vale da Graça. Todo

aquele crescer e toda aquela dimensão pessoal e material é fruto da Amizade de Deus revelada no Amor de Seus filhos. A Casa do Gaiato é fruto do amor de toda a gente. Um com o pão. Outros com o peixe. Aqui vai o sabão. Dali vem o açúcar. Acolá dão a carne. Do outro lado chamam por nós. Na rua fazem sinal. A por acenam com a mão. Os vendedores vêm cheiinhos. O telefonema pergunta se está. O correio também ajuda. A ninguém parece alheia a Casa do Gaiato. O amor da união faz estas maravilhas. Assim se fazem as grandes obras.

Tem razão o nosso Padre Manuel António por estar assim preso à sua gente de Benguela, Lobito e Catumbel.

Padre Horácio



# Presença da Igreja

Cont. da PRIMEIRA página

rica: «Glória a Deus nas alturas, paz na terra aos homens de boa-vontade e que Ele amou!»

Já o profeta Miqueias disse: — Ele, o Cristo, será a paz.

E no entanto, passados dois mil anos, o Papa tem de repetir, com os Profetas Jeremias e Ezequiel: — Todos em verdade clamam: paz, paz! — e não há paz. Temos o equilíbrio do temor e não a paz...

Se perguntarmos porquê, a resposta, a óbvia resposta, será fácil, tão trágica como elementarmente fácil: o mundo não tem paz, porque não quer a paz. Por outras palavras, o mundo diz querer a paz, mas pelos caminhos da guerra; ou ainda, com outra expressão, a paz sim, mas colhendo nela os frutos da guerra.

Si vis pacem, para bellum, esta fórmula bárbara e belicista, que ainda pôde ter algum sentido quando a paz foi um facto de domínio, de opressão e de império, como foi a paz romana imposta ao mundo pelo povo late rege, ou ainda quando as soberanias eram organizações de guerra e os reis chefes de mesnadas de guerreiros, esta fórmula bárbara e belicista continua a repetir-se como única fórmula de sabedoria humana.

Ora sabemos bem que as nações constituídas em Estado têm ainda necessidade, e consequentemente o direito de defender os seus legítimos bens e liberdades; que para isso têm os seus serviços e corpos organizados, de cujo direito e moral não nos compete ocuparmo-nos aqui. A nossa posição aqui, a nossa doutrina, e o ethos consequente a essa doutrina são os que competem ao homem em geral, ao homem civil e cristão particularmente. A nós, como tais, só imediatamente interessa um desideratun, que se deve exprimir na fórmula cristã e civilizada: si vis pacem... para pacem! A nós, com o Papa e a Igreja...

**A PAZ  
É OBRA DA VERDADE,  
DA JUSTIÇA  
E DO AMOR**

Para realizar a paz é preciso pensar na paz, querer a paz, estudar os meios da paz, pôr em prática esses meios e aceitar o seu preço, o preço da paz. Enfim, se queremos a paz, devemos preparar, e isto pelos próprios meios e com os neces-

sários esforços e sacrifícios, a paz que desejamos. Aliás, como se poderá jamais atingir um fim, tomando o caminho diametralmente oposto?!

(...) A paz, a paz humana e cristã, a paz como o Evangelho nos manda querê-la e pregá-la é obra da verdade, da justiça e do amor.

**A RAZÃO DA GUERRA  
É A FALTA DE AMOR  
A VERDADE**

(...) Há muitas causas e ocasiões para a guerra: a ambição, a vanglória, os interesses, os ressentimentos, as fobias, o medo, o fanatismo, o maniqueísmo, etc., etc. No entanto a última e universal razão é a falta de amor à verdade ou a falta de coragem da verdade e das suas consequências. Quem ama a verdade vem à luz: à luz da discussão esclarecedora, à luz do julgamento positivo-jurídico, ou, finalmente, da arbitragem. Parece difícil ou mesmo impossível a definição do agressor (pois não haverá quem recuse o direito à legítima defesa). E no entanto pode tornar-se fácil a definição do agressor: será aquele que recusa o juiz imparcial, em matérias de lei ou jurisprudência preexistentes, ou o que recusa a arbitragem, em casos não previstos na lei ou onde ainda não há lei.

Por esta consideração passamos a tocar no segundo pilar em que só pode assentar a paz, que é a justiça: a justiça definida ou em vias de definição. E aqui será preciso confessar que vivemos num estado de escândalo internacional, numa situação de má consciência

entre os povos, de injustiça formal inter nationes (e não falamos ainda na injustiça material). Na verdade o primeiro princípio do direito e da justiça é que ninguém seja julgado e condenado senão em virtude de lei preexistente e suficientemente promulgada. Ora bem: em Nuremberga foram julgados os vencidos, como criminosos de guerra, e gravemente condenados. Não havia princípios de direito internacional positivamente definidos e por isso se recorreu ao direito natural ou aos princípios de humanidade. Quase todas as pessoas responsáveis, decerto mesmo o Papa Pio XII, acharam que era necessário e justo materialmente, mesmo que formalmente fosse anti-jurídico ou quiçá monstruoso.

Como quer que se pense, o que é inadmissível, escandaloso moralmente e mesmo juridicamente monstruoso, é que essas potências, que tiveram de julgar de maneira tão anormal, não se pusessem imediatamente ao trabalho de traduzir em direito internacional positivo aquilo mesmo que usaram a posteriori sobre os factos. Não será possível formular ainda muitos princípios, mas que ao menos se formulassem aqueles que já se usaram!

Bem sabemos que esses princípios, uma vez formulados, serviriam para fortes e fracos, para vencedores e vencidos; mas, se a razão de os não formularem está aí, então muito mal vai à consciência da Humanidade... E não se pense que um estado tão gravemente deficiente, digamos tudo, tão gravemente pecaminoso, na esfera internacional, seja sem

influxo na consciência pessoal de cada homem. É todo o contrário que se deve dizer quanto ao hábito pecaminoso na consciência internacional, como aliás correspondentemente na consciência nacional

**É O AMOR  
QUE FAZ O IRMÃO**

(...) Mas não basta a justiça na verdade: é preciso o amor em humanidade. É o amor que faz o irmão: o irmão segundo o Evangelho, porque o irmão de pura natureza pode facilmente tornar-se o Caim do seu irmão.

Mas... quem é o meu próximo? — foi perguntado muito expressa e dialécticamente a Jesus. E o Mestre, em resposta, narrou a parábola do bom samaritano. É o estrangeiro, o membro do anti-povo para o bom Judeu, que revela no homem desconhecido e vítima decerto dos próprios compatriotas, o homem essencial, o irmão em humanidade, o sujeito dos direitos humanos e por isso, e precisamente por isso, o objecto da caridade. Amar o próximo por amor de Deus: que mistério de graça, mas que possível e frequente fonte de equívocos e de ofensa para o próximo!

É o amor do samaritano que faz daquele destroço humano, de quem o escriba e o sacerdote se desviam (talvez por um escrúpulo «religioso», quero dizer religioso, de pureza legal!), o homem, o próximo, o «concidadão» da nova «cidade cristã» em tensão permanente de universalismo.

E na óptica do Evangelho, esta é a religião, isto é o verdadeiramente religioso (contan-

to que não se omitta... aquilo). «Foi dito: amarás o teu amigo e odiarás o teu inimigo, olho por olho, dente por dente... Eu porém vos digo: amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam e caluniam...»

Aqui quer o Divino Mestre que se reconheçam os Seus discípulos, que esta deve ser para eles a Lei e os Profetas:

só assim se tornarão filhos do Pai Celeste. E esta filiação electiva, que é a fonte da fraternidade universal, não só tem carácter religioso, mas deve obrigatoriamente inserir-se na prática ritual, como pré-condição indispensável: «Se levas a tua oferenda ao altar e te lembras que teu irmão tem algo contra ti, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão...»

Quando a salvação «entrou» em casa de Zaqueu, é que o publicano convertido pensa nos irmãos...

**QUANDO O MESTRE  
DO HORIZONTALISMO  
É JESUS,  
PODEMOS SEGUI-LO  
COM CONFIANÇA**

(...) Evidentemente isto não exclui aquilo: o título de Paternidade nascido da Criação primeira não é minorado nem contrariado pelo título do amor natural inter-humano, sobre-elevado pela Graça. Mas há que reconhecer que no Evangelho é este que sempre é posto em relevo, como coroa e complemento da Velha Aliança: a Redenção em Cristo como Criação nova, como «nova espécie humana» (segundo expressão de Lecomte de Noüy). É esta a verdadeira novidade que, consigo mesmo, Cristo trouxe ao mundo. Horizontalismo?! Quando o Mestre do horizontalismo é Jesus, podemos segui-Lo com confiança...

Paz na terra... aos homens... paz universal e definitiva! Utopia, apelo sem eco e sem esperança?...

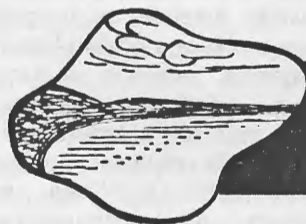
Mas nós, cristãos, somos os filhos da esperança, da Esperança teológica.

Ouçamos a palavra que hoje nos vem de fora (mas eco da Palavra única): «Onde há Esperança aí há Religião. Onde há Religião, aí há Esperança». (Das Prinzip Hoffnung).

Deus revelou-Se em Cristo como o Senhor da Esperança. «Que o Senhor da esperança vos encha plenamente de alegria e de paz, no vosso acto de fé, a fim de que a esperança superabunde em vós pela virtude do Espírito Santo».

São estes, com palavras de S. Paulo (Rom. 15, 13) os nossos votos a esta Diocese, desejando com o mesmo Apóstolo que vá crescendo em intensidade o vaticínio de Isaías: «N'Ele as nações porão a sua esperança. Vinde, Senhor Jesus!»

**Padre Aclio**



## SETUBAL

Entre as presenças que mais nos alegraram neste Natal, salientamos especialmente as dos nossos. Foram muitas e algumas de longes paragens.

Uns escrevem a dar notícias da sua família — mulher e filhos —; outros do trabalho, outros da casa que construíram ou estão a construir, outros do filho que nasceu, outros das saudades que têm e outros ainda, do remorso que lhes dilacera a consciência.

São cartas lindas e belas! São autênticas mensagens de incitamento e de esperança. Alguns ainda nos falam daqueles outros antigos companheiros, que não têm coragem de

escrever, mas que gostariam de o fazer.

Escrevem os que estão na guerra! Há muitos anos que passamos o Natal enraizados na guerra. Não há pai que tome o sabor amargo e tão prolongado como nós, de ter os seus na guerra.

O Rogério, é Alferes Miliciano. Encontra-se na fronteira da Guiné Francesa. Mandou cartas e cartões a toda a gente. A mim um cheque de quinhentos escudos. Que valor não tem este dinheiro?!... Serão muitos os pais que viveram a alegria de receber dum filho seu na guerra, uma prenda tão valiosa e tão saborosa?!... Apeteceu-me pôr aquele cheque

no altar, ou, como os simples das aldeias, pendurá-lo ao manto da Senhora. Achei que este dinheiro não se devia confundir com o outro. Nasceu de uma fonte diferente.

Falta ainda falar dos que vieram em pessoa, nesta quadra, com os seus, em sabor de peregrinação à casa paterna, num reviver da vida familiar que, aqui lhes foi dada. Lembrem este e aquele episódio, que a nossa memória não registou mas, que na deles ficou bem vivo. Deixam os seus presentes! Deixam o seu dinheiro e apreciam sequiosos o beijo que damos nos filhos.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES  
DA T. A. P. PARA ANGOLA E  
MOÇAMBIQUE